

O SAPO

Scannario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

ANNO II

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 19 de Novembro de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 47



Orgão do «Apostolado Literario»

DUAS PALAVRAS

A' minha Patria

Que infelicidade é esta, ó patria
de miséria? Males sobre males se
desangrando-te, arre-
bando-te a vitalidade.

Não ha, siquer, a alternativa dos
bens e dos males, succedendo-se,
após a tempestade, quando brilha
em teus olhos a esperança de uma
esplendente aurora de bonança, —
ó decepção! — nova procella se de-
sencadeia sobre ti, ameaçando ani-
quilar-te....

Que fadario é o teu? qual é tua
sorte?...

Vaes de ha muito seguindo para
um Calvario de exicios desolantes;
vaes seguindo, com rapidez sempre
crescente, e tão crescente, que dir-
se-ia que além ha um precipicio,
que mais e mais te attrahe, á pro-
porção que te approximas d'elle.

Patria! choro contigo sobre o
tumulo que encerra os manes do
grande Artista Almeida Junior.
Eclipsou-se um astro na tua peque-
na constellação e lá se foi, scindin-
do os ares, como uma aguia victo-
riosa, para a Immortalidade!

Deos te proteja, ó Patria!...

A. FRANÇA.

A AGUIA E A PULGA

A aguia, senhora dos espaços, fa-
lava na cõrte dos animaes, contan-
do as suas aventuras. Ouviram-na
respeitosamente os companheiros:
o leão, o urso e os mansos animaes,
como o cordeiro, a gazella, a pomba
e o rouxinol sem que nenhum no-
tasse num pequeno sêr que repou-
sava tranquillamente sobre um grão
de areia.

Dizia a aguia:

— Ah! Vos todos deveis inve-
jar as minhas azas fortes, porque a
nenhum é dado ver de perto as ma-
ravilhas da altura: o sol, que é um
mundo, e a resplandescente Athair,
e a magnifica estrella dimantina que
os pastores adoram; as nuvens
douradas e as brancas nuvens, o
grande azul... nada disso vos é
dado ver... Eu devia ser a vossa
rainha.

— Perdão. disse o pequeno sêr,
que repousava sobre um grão de
areia, eu, sim, eu é que devia ser a
rainha.

Voltaram se todos e difficilmen-
te descobriram a pulga que fala-
va.

— Eu, sim, devia ser a rainha
porque, si tu chegas, aguia, ás nu-
vens altas, não vês o paraizo: só
avista os astros, delles não te ap-
proximas; e eu, á noite quando
Eleonora se despe, e, em camisa,
procura o leito virginal, mansamen-
te insino me, e, sob as rendas, sob
a cambrinha, passeio pelos mun-
dos brancos de seu collo, e, perse-
guindo, proseguindo....

Não concluiu, porque os anima-
es, em cõro, aacclamaram, e a aguia,
corrida, ganhou os altos céos raivo-
sa...

CÔELHO NETTO.

MADRIGAL

A' Generoso Borges

«Sabes, Sylvanira, amo-te mui-
to... os teus olhos penetram-me
dentro d'alma e devassam-n'a mi-
nuciosamente. Não ha um pensa-
mento que não seja teu; o teu nome,
unico, abrange-a toda».

Ha muito tempo que meus olhos
folgam de te ver; que meus labios
gostam de pronunciar o teu nome;
assim, bem suavemente, muito
baixinho, e muitas vezes... como
quem reza, como quem supplica,
cheio de fé e de esperança: pieda-
de! piedade!

Vamos, olha-me de frente. Que
as tuas pupilas azues... azues...
eternamente humidecidas sugges-
tionem-me n'uma attracção magne-
tica. Gosto tanto de fitar teus olhos...
sabes porque? Porque elles têm a
nostalgia de um ceu de Junho e
como elle é puro; porque elles
fallam-me de mysterios amorosos
que eu prescinto-os mas não com-
prehando-os...»

E Abimael, o torturado feliz,
exhauria avidamente o brandissimo
perfume de lilaz que emanava-se
da loura cabelleira de Sylvanira.
Estontecia-se.

«Sim, querida, as nossas almas
uniram-se uma vez; foi ha muito
tempo! mas desde então nunca
mais se separaram. Inda hoje, vi-
vem consorciadas. Ah! como é bom
amar a sombra de um passado!
Como é bom sentir na escuridão
do tedio, o brilho meigo de dois
olhos ternos! Como é bom, Sylva-
nira... lembras-te?»

Sabes, quero-te muito!»

Novembro de 99.

SYLVIO.



PIZZICATOS...

Não tivemos do Biela
A visita apregoada...
Ora bolas! que balela!
Que mentira descarada!...

Senhor Falb mentiroso
Dizei-me vós onde está
O cometa monstruoso
Que não chegou até cá?...

Dizei-me, mas bem depressa,
Ligeiro dizelme, sim?...
Quero saber—me interessa...
Se o mundo não tem mais fim!

DIRETANTE



BOLHAS E ROLHAS...

Não sei si é authentica (o nosso Bispo diz que é apocrypha) a encyclica papal transcripta pela *Gazeta do Povo* da *Imprensa* da Capital Federal que por sua vez a transcreveo do *El Nacional* de Buenos-Ayres. O que sei é que ella me causou mais espanto do que a alarmante noticia do fim do mundo.

Nunca esperai que a mão tremula de Leão XIII dêsse o primeiro golpe nessa instituição nefanda—o celibato clerical—e muito menos que escrevesse publicamente as verdades que a referida encyclica contem. D'entre outras cito apenas esta que muito nos ennobrece, nós povos latinos: «Considerando que na epoca presente e especialmente na America Latina as vocações para o sacerdotio se tornam cada vez mais raras... etc.» Isto é o mesmo que confessar a decadencia do catholicismo no Novo-mundo. E de facto a religião catholica romana, não só em terras americanas, como em toda parte, se não vae em retrocesso tambem não progride devido aos seus proprios desatinos e absurdos salientando-se entre todos o celibato ecclesiastico obrigatorio, lei deshumana contraria a todos os principios scientificos e moraes. Felizmente Leão XIII mesmo se encarrega de

dizer que ella não é de direito divino, mas «ordenada pelos sabios concilios dos primeiros seculos da igreja e por nossos predecessores no Pontificado.» *Sabios concilios*, na verdade, se não vejamos, de relance, a historia do preconizado celibato.

—Os ministros do altar, ao contrario do que muita gente pensa, foram casados na infancia do christianismo a começar dos apóstolos, inclusive S. Pedro, e Jesus mesmo se não gosou as delicias do matrimonio, o considerou, comtudo, instituição sagrada e digna, aliás não teria assistido ao casamento de Caná na Gallicia (S. João II, 2). Os povos antigos, porem, eivados ainda dos preconceitos pagãos, adulteraram a sã e incipiente doutrina de Jesus trazendo para ella o fanatismo e a aversão que os sectarios de diversas seitas, notadamente os *falsos gnosticos*, tinham pelo matrimonio. D'ahi o erroneo supposto de julgarem mais dignos os secerdotes solteiros do que os casados e, e bem de ver, o celibato começou a ser preferido sem ser, porem, lei da igreja apesar dos papas Victor II, Estevão IX, Nicolao II, tentarem decretal-o, bem como o concilio Eumenico, em Nicea (325), o synodo de Elvira (305-309) e outros.

Somente no seculo XI o despotismo de Gregorio VII, (1073 a 1085) isolou os padres da familia, pois «graças ao celibato o sacerdote não tem patria senão Roma, não tem familia senão a igreja. Um verdadeiro clerigo catholico não pode ser bom patriota, nem bom cidadão.» Assim se exprime Koseritz.

A arbitrariedade de Gregorio VII encontrou, comtudo, grande resistencia e os prelados inglezes exclamando: «podem tirar as mulheres dos padres mas não podem tirar os padres as mulheres» defenderam perfeitamente a immoralidade inconcebivel em que cahio o clero. Do seculo XIII em diante o celibato ecclesiastico, exceptuando os ministros do rito grego, tem sido observado rigorosamente até nossos dias em

que Leão XIII annullou-o em parte, aconselhando-o ainda como o «estado mais perfeito, santo e digno» em obediencia, talvez, a opinião de Clemente de Alexandria ou a de S. Paulo «mas se tomares mulher não peccaste e se a virgem se casar não peccou, todavia os taes padecerão tribulações da carne.

E eu quizera poupar-vos a ella (Cor. I epis. cap. VII, 28).— Quanto aos effeitos perniciosos do celibato ecclesiastico, que muito concorreu para a reforma de Luther, nada acrescento porque todos os verberam.

E hoje quasi que elles não existem si nos lembrarmos que o cardeal Bellarmino teve a bagatella de 1624 amasias, cousa aliás de pouca monta, pelo menos no parecer do quasi santo padre Urbano Mauro que dizia: «vendo um sacerdote com a mão mettida no seio de uma mulher, pensareis que está deitando-lhe a benção...» Extranho modo do abençoar! E' pena o Vaticano estar tao longe de Curityba porque eu queria ir bradar aos ouvidos *infalliveis* de Leão XIII estas palavras de Carl von Koseritz: «Todas as autoridades medicas concordam em que as doenças syphiliticas foram pelos padres trazidas da Asia para Roma e levadas de Roma para França d'onde se espalharam sobre o mundo civilisado.

Esse formidavel contagio, que dizima o genero humano e faz cada vez mais degenerar a especie tornando-a anniquilada, fraca e rachitica, o mundo o deve a devassidão do clero, que por sua vez é filha do celibato que deve ser, ô Santidade, abolido completamente restituindo-se os sacerdotes ao mundo, á Sociedade, ao Santuario Honestissimo e Puro da Familia!...

MARIO LAMÓR.

EPITAPHIO

(Sobre o túmulo de «Centro Artístico»)

Ao mundo o «Centro» veio alegre, bem risonho,
Sorrindo elle nasceu,
E no entretanto assim, como uma flor, um sonho
O misero morreu.

SEPTENÁRIO

A alma arrebatada n'uma avalanche de sonoridades magicas, que ondulavam sob as arcadas cothicas da nossa soberba cathedra, deixei-me elevar pelas azas douradas da Scisma, ao páramo infinito do Ideal.

Como é agradável—o pensamento errar borboleteando, ao som dulcissimo de hymnos celestiaes!

Emquanto aqui, envolvido n'uma atmós-

phera morna de perfumoso insenso, eu prodigalisava aos meus sentidos a caricia offerecida pelo som melodioso do órgão, lá fóra, o povo amedrontado, tendo ainda gravada na imaginação a ridicula prophesia de Falb, auscultava o Ignoto e perscrutava o Infinito, julgando a todo o momento ver o sulco luminoso projectado pelo Biela, tingir o azul placido do firmamento.

Oh! susto-hurriel!

Ao por do sol, o póente tingiu-se de uma cor avermelhada, afogado em lampejos sinistros; era como que o reverbero de um

incendio que lavrasse muito longe... e cujas chamas tivessem um colorido tragico; um carminado violaceo.

E quando despejavam-se do recinto da cathedra os numerosos fleis, que foram, talvez! supplicar clemencia! clemencia! para nos, lançavam as vistas para o póente afoguedo; via-se então operarem n'aquellas physionomias as rapidas mutações produzidas pelo terror.

O fim do mundo! O fim do mundo! Era o grito surdo, que as suas consciencias bradavam espavoridas!

13

Amarella, no Azul, a Lua—enorme gemma
De um ovo collossal—apenas, o boiar,
Velava sobre a Terra onde o Pavor se ia
Impune a rir ! E não carregaram de algema
Esse biltre ! E ninguém o pode trancafiar
N'uma enxovia !
Miseria ! No entretanto elle, em segredo,
Andára o fim do mundo predizendo
Só para vêr, aos poucos, ir compendo
Nos corações a torva flor do Medo.

Ah ! mas o meo é de aridez pasmosa :
n'elle só é verde a palma da Luxuria !

Comtudo foi na onda
Da turba recciosa,
Preso, tambem, da mesma douda furia ;
E andei, n'aquella noite, a fazer ronda
Em derredor da casa
Onde—ô Flor desabrochas !—avejo a moça
Minha casta, mas lubrica Senhora
Cahisse lá do céu, a menor brasa,
Ampinima fagulha
Dando o alarme fatal e funebre e tímido,
Logo eu assaltaria—e sem a menor bulha !—
Seu quarto virginal assim como um bandido....

Quando o fogo sagasas, aborto em fundo pasmo,
Tive de indagar o que, nos dera a morte,
Foi o teu calor carbonisante e forte,
Que o amor do Amor, o voluptuoso Espasmo....

Curityba.

D. JUAN LASCIVO.



COUSA E PROSA.

Passaram os temores infundados do
povo credulo e hyper-impresiona-
vel ; já se respira a longos haustos
o oxygenio da tranquillidade ; a
atmosfera está limpa e fresca e
desembaraçada, e eis que lá vae,
scindindo os ares, himnos entoando
alacrememente, a turba alada dos pas-
saros gazis... Os ares resôam crys-
talinamente.

Já se trabalha com socego ; já os
animos voltaram á primitiva quie-

E no entanto o firmamento continuava a
ser alastrado por aquella cor avermelhada,
sinistra como uma sentença de morte.
Nas vidraças reflectiam-se os clarões aver-
melhados, produzindo o effeito de uma apo-
theose fantastica ;

Emfim, era bello ! bello ! aquelle por do
sol avermelhado.

Depois do bello o grotesco.

A' noite, allumiada por um luar nuêlido,
fosco, mas suggestivo, subiram ao ar numero-
sos foguetões, que detonavam com estampi-
des de bolidos.

tação e já ninguém se arreceia mais
do celebre cometa, dos terremotos
e dos abaixamentos de terra, de
que falára o tranascoso e parvo su-
jeito, que ahi dá pelo nome de dr. Ca-
beça... a...

Congratulo-me contigo, ó mas-
sa *inerte* e material, pois que te vejo
restituida á doce e serena paz : podes
agora dormir o somno dos justos e
dos puros ; mas fica certa de que,
mesmo dormindo, tu vaes seguindo,
a passos lentos, para a morte. O ter-
mo d'isto é o tumulo.

Não te zanges, ó massa, e não
te maravilhe o facto de, no meu
artigo passado, eu te haver defen-
dido contra as besteiras do já refe-
rido dr. Cabeça, e no presente es-
tar-te falando de maneira bem di-
versa. E' que as circumstancias são
outras ; é que o cometa lá se foi,
espaço em fóra, na sua eterna via-
gem aavez dessa infinita altura...
e não ha mais perigo.

Adeus, ó *povo sem fé!*

Ah ! o Benjamin, o meu caro
Benjamin ! O *Sapo* está-se resen-
tindo já -a falta das fulgurações do
teu talento. As moças estão recla-
mando...

Hontem perguntou-me uma jo-
vem leitora se o Benjamin estava
em Santa-Ritta, e disse-me que o
trioletista é a sua paixão. Que pena !

Pedio-me a gentil senhorita que,
desta minha enxabida seccão, eu
exhortasse o seu adorado a vir oc-
cupar o seu posto e lhe dissesse *que
não seja bobo...* e deixe de luxo.

E eu, como vou gostosamente até
ao inferno á ordem das raparigas,
ahi deixo o recado ao moço, se
bem que não *seja* moço de reca-
do.

A's armas, Benjamin !

Um artigo que me encheu as me-
didas foi o publicado na *gazeta* de
14 de novembro pelo meu confrade
G. Borges,—não no que se relaciona
ao sr. Hermenegildo, a quem
nem siquer tenho a honra de co-
nhecer, mas no que se refere ao ga-

Depois, quando o espirito demasiado curio-
so da nossa população, achava-se já bastante
agitado, appareceu um *cometa*, feito por *co-
metas*, que foi acolhido por uma tremenda
salva de palmas produzida por cinco ou seis
mil pessoas agglomeradas na esquina do
Grande Hotel. Realmente foram os illustres
collegas do astro de Falb, de um espirito fi-
namento aristocratico !

O cometa era feito de gase fina e transpa-
rente, illuminado interiormente por algumas
centenares de candeias... digo, de esteari-
nas, o que produzia um effeito maravilhoso ;

zeteiro réles, á cabeça ôca e *pen-
sante* do picaresco dr. Cabeça...

Se eu quizesse caracterizar com
exacção o typo esqualido do refalsa-
do gazeteiro, de certo que o não
poderia fazer tão precisamente quan-
to o fez em duas pennadas vibra-
ntes, o meu collega G. Borges.

Que venha, portanto, d'ahi um
abraço a este chroniqueiro sem
graça, ó caro Generoso ! e que te
não trama a mão de haver estyle-
teado a front: de um miseravel ba-
julador sem caracter.. Eu ainda
deixar-lhe-ei gravadas na cara os
cinco phalanges da mão.

ARISTIDES FRANÇA.
(Chenier)

Tenebras

A uma deusa terrivel

A tempestade se pronunciara,
Rispida e louca pelo entardecer...
—Trincham-se os raios pela immensidade,
E vêem na terra se finar, morrer.

Turva-se o ceo de tintas verde-negras,
Ouve-se, em tudo, a nota de um desejo...
E n'uma força electrica e nervosa,
Fez-se o estampido do primeiro beijo !

Depois o céu fez-se tranquillo e claro,
Aberto em tintas de um azul de Maio...
Mas eu fiquei ouvindo no meo peito,
O echo nervoso do primeiro raio !...

Curityba,

CRUZ D'ÊÇA

PROMETTIDA

Essa que vejo trefega, sorrindo,
Gracil e jovial, sempre brincando,
—Da magua um coração afugentando,
—Com caricias minh'alma destrahindo ;

Essa creança tenue qu'em me vindo
Brincar commigo, a rir, de vez em quando
Casta pomba parece d'algun bando
D'outras ategres, celere, fugindo...

Que sabe-rir-para imitar de Deusa
Todo mysterio ingenuo da Pureza,
E a quem, de joelhos, se acarinha e louva ;

E'a Deidade pubers e querida,
Menina ainda—a minha *promettida*,
De quem falam-me, rindo : *«...a tua noiva.»*

Curityba, 1899

CLÉOMNES FILHO.

estava assentado sobre o tablado de um car-
rinho encantador puxado por cinco parelhas
de *puro sangue*.

Em seguida um enorme carroção completa-
mente cheio de fogos ; mais atraz, em ordem
de *monomio* e em riquissimas carruagens
iam os illustres pandegos, *Elizes amphitrios*.

A desfilarem pelas ruas da cidade, foram
seguidos pela enorme massa de povo que
vaiava a grotesca propheta de Falb !

Foi um espectáculo immensamente bello !!!

DUALA.

VERSOS PERVERSOS

Recitados por Thiago Peixoto, com acompanhamento de uma marcha fúnebre ao piano pelo Sr. Leite Junior, n'um sarau do Club Curitybano, por ocasião de surgir o 13 de Novembro.

Meia noite! o triste dia
Começou a começar.
O mundo está na agonia
O mundo vai se acabar!

Meninas, moças, senhoras,
Se eu menti nos meus amores,
Vós peço perdão nas horas
De terminar nossas dores:

Peixoto, meu velho amigo
Euganinho, Leopoldino
Estamos em grave perigo
Já ouço dobrar o sino.

Lucidio, Raniel, Pêpê,
Benjamin, Nino, Gaspar,
Que tristeza, ninguém vê?
Vou morrer sem me casar.

Mas, inda temos um recurso
Antes de eterno — *até logo!* —
Ponho esta ideia em concurso
Se morreremos pelo fogo:

Bebamos á arrebeitar
Bebamos vinho do Porto
Que quando o *Biella* chegar
Já nos ha de encontrar
morto!



POT-POURRI DA SEMANA

O cathaclysmo anunciado para o dia 13 foi a nota dominante da semana e deu azo a muitas graçolas de carregação *verbi gratia* a passagem de um pseudo cometa pela rua 15, á noite.

Essa idea, que á muitos pareceo original, foi, valha a verdade, bem ratona.

Está discutido: Curityba não é mais o *logarejo* onde os cometas davam sota e basto... Como vaie longe esse tempo!...

O mesmo assumpto deu ainda margem a seguinte blasphemia pigareada do alto do pulpito: «Si Deus quizesse acabar o mundo os homens de Sciencia, não annunciariam essa hecatombe, mas, sim os padres! Zombem da Sciencia, irmãos que ella não vale nada!!!»

Por singular coincidência a *Tribuna do Paraná* de 11 impugnou essa *substancial* tirada: «Com certeza os trocistas não zombavam da Sciencia, mas sim de um perigo imaginario; sim, porque á Sciencia devemos essa grande somma de conhecimentos acumulados, desde os

tempos primitivos, e foi ella que habilitou o homem á devassar o espaço. A ella devemos as grandes descobertas que fazendo homem o rei da criação, a ella devemos o gozo de mil beneficios pelo aproveitamento dos materiaes que Deus poz a disposição nossa, dotando-nos, ao mesmo tempo, de faculdades superiores, com o poder de devorar os mysterios do mundo e do espaço infinito. Qual o ramo do conhecimento humano que não está subordinado a Sciencia?»

Com o proverbial garbo no dia 15 a Officialidade da Guardia Nacional formou, reunindo-se em cima da firma Paulo dos Santos & Comp^a, Quartel General. Muita gente notou não ter ido ella cumprimentar o Dr. Governador que, por fas ou por nefas, é, incontestavelmente, a primeira autoridade do Estado do Paraná. No mais não houve desastre algum digno de nota.

No dia 16, com o estardalhão das immoralidades garantidas por lei, debutou a loteria Agave Paranaense. Breve começaremos a dar palpites visto ter ella uns traços *physionomicos*, embora um pouco distanciados (talvez seja parente por bastardia) do celeberrimo e saudoso bicho.

Antes d'isso porem, desejamos saber si o Pavilhão Brasileiro pode ser hasteado em qualquer parte....

Ia-mo-nos esquecendo de citar a nota sub-dominante da semana: a compra de um palacete contractada pela Edilidade Coritybana, transação que provocou na Imprensa grande celeuma. Quando dizemos *imprensa* não contamos a *Republica* porque essa... Moita!..

LES TROIS.



O PADRE

Todo aquelle que uzar alva e batina
Tem de cumprir da igreja o são preceito...
Solteiro ha-de viver — lugubre sina!
Porque solteiro infunda mais respeito.

Se por acaso algum *casto* vigario
Infringir essa lei, será privado
Da batina, da murça e do rosario
E será, sem demora, escommungado.

Que cousa mais sem galto! *santo* padre
Alma pura, sem mancha e sem peccados. —
Só pôde em casa ter uma *comadre*
E por muito favor os afilhados...

José, o Papé.

DESEJOS.

—Eu quizera ser uma estrella,
porque scintillando no fundo escuro
do ceu, em noutes calmas, enlucadas,
eu seria bella... muitobella...
principiou a encantadora Lucia.

—Eu quisera ser uma flôr: que
reunisse á fragancia da rosa, a alvura
e a simplicidade da vistela....

Isto disse a meiga Alice por que
se autria muito tempo um amor
puro, sincero e... tímido

—Eu quisera ser a Lua para pos-
suir a sua pallidez diaphana e ro-
mantica, que eneta os amantes e
encanta os trovadores, disse por
sua vez a formosa Luizinha.

Sorrindo eu ouvia os desejos das
trez donzellas, quando fui interro-
gado.

—Não sei dizer o que desejaria
ser...

—Eu... eu... eu... uma mimosa avesinha
que anda nos jardins, eu quisera
ser um beija-flôr...

Não sei porque Alice corou e as
outras sorriram maliciosamente.

ALMEIDA GALLO

-15-11-99-

O ORGULHO

Esse abutre feroz que grasna e que se
Ao som fanfarronante e ardente da Ilusão,
Não ouve muita vez a voz do Coração
Que vive da Bondade á somra vespertina.

Elle megra somente n'Alma pequenina
Onde aninha-se a rude e crassa Presumpção,
E vaie cantarolando ao rocho do trovão
Que no Templo do Mal ao proprio Mal domina.

E quando julga ter vencido ao proprio mundo
Tangendo vaga Lyra, o misero iracundo
Aos céos lança um olhar de louco triunphante!..

Encontra então serena a flammula tremente
Da Verdade bendicta em lucida corrente,
E cae sobre seus pés n'um choro supplicante.

GENEROSO BORGES

INDISCREÇÕES

IX

Tres noites sem dormir muitos passaram
Esperando a passagem do Cometa:
—As mulheres tocavam pandeirão,
Mas os homens... não sei o que tocavam...

Os cometas, porem, deliberaram
Prégar á humanidade nova petra
—Fizeram-n'o passar n'uma carreira
Pelas partes que os sabios nem sonharam.

O povo que passava noite e dia
A ver se o tal *Biella* apparecia
Pelas bandas do alegre Cajuru,

Debulhou-se em sorrisos vendo o tal
Passar n'uma apothose triumphal,
Contemplado de porto á olha nú.

LEVY.